



O megafone

Jornal do SINASEFE Pelotas - dezembro de 2011

Impresso
Especial
9912209415 - DR/IRD
SINASEFE
PELOTAS
CORREIOS



SINASEFE
Pelotas

Lutar é a
nossa cultura!



*...se vives nas sombras,
freqüentas porões,
se tramas assaltos
ou revoluções,
a lei te procura amanhã de manhã
com seu faro de doberman*
(Chico Buarque)

As enormes contradições sobre as quais se assenta o capitalismo já trazem em seu bojo tantas e tão fundas injustiças, diferenças e preconceitos de toda ordem que as mais diversas manifestações de violência chegam a soar quase naturalmente.

Todavia, há patamares dessa mesma violência que acabam nos remetendo à barbárie. Um dos principais pontos que merecem um olhar mais atento diz respeito a uma terrível situação: a impunidade. Historicamente, os chamados crimes de colarinho branco (praticados por altos setores do empresariado, e seus representantes – banqueiros, coronéis, deputados...) eram fácil e tragicamente tolerados. Era de fato raríssimo que um burguês fosse parar no presídio.

Como resultado, a cadeia só existia para pobres. Bastava, aliás, que o autor do delito tivesse alguma condição econômica para escapar ileso das garras da lei – o que livrou inclusive muito motorista criminosamente irresponsável da possibilidade de sofrer qualquer tipo de punição.

Recentemente, chegou-se a tal ponto de sofisticação que o sujeito poderia negar-se ao teste do bafômetro para não gerar provas contra si mesmo, o que constitui francamente inaceitável ardil. É mais ou menos como imaginar que pudéssemos sem represálias ocupar casas onde tenham ocorrido crimes, por exemplo, causando com isso obstrução ao trabalho do Estado na busca de possíveis soluções e investigações que se fariam no sentido de preservar interesse e bem público (como a própria vida).

Alguns, confundindo as coisas, já apelam para soluções fáceis e que nada resolvem, como a pena de morte, por exemplo. Ora, nos lugares onde ela é adotada – como em alguns estados dos EUA, que possuem autonomia para legislar sobre esta questão específica – não houve redução da criminalidade. Porque o grande problema não é a gravidade da pena, e sim a certeza da impunidade. O velho e perigoso: ah, não dá nada. E em muitos casos não dá nada mesmo.

Se, entretanto, as leis fossem efetivamente cumpridas e não houvesse tanta desconfiança com relação a setores do judiciário, já teríamos um outro quadro. Se muita gente por aí soubesse que seria presa mesmo, que pegaria mesmo, digamos, 12 anos pela prática de determinado delito, provavelmente não praticaria tal delito. Mas como se sabe de inúmeros atenuantes – ou se é primário, ou

Violência!

Alvaro Barcellos (Funcionário da Caixa)

se tem diploma, ou se a pena seria de uns 10 anos, mas com bom comportamento, e devido ao esgotamento dos presídios, péssimos e superlotados, então, na prática, o cara apenas não poderia sair da cidade durante dois anos, sem autorização, ou prestaria serviços comunitários...enfim...as coisas ficam um tanto nebulosas.

Some-se a isso questões como a banalização de tudo – da vida, da morte, da intolerância... – e também estes péssimos modelos com incentivo exagerado a overdoses de individualismo, gerando povos esvaziados de humanidade, alimentando um mundinho em que predomina um egocentrismo brutal...e teremos problemas ainda maiores.

Por falar em crime, Pelotas já conta com patamares aflitivos, que nos fazem conviver com uma violência crescente, que se manifesta inclusive nas situações de um trânsito que beira o caótico.

Há ainda uma surda aceitação nos mais variados setores, do tipo filho meu não leva desaforo pra casa. O que conduz – e claro que há outros fatores – muitos jovens, inclusive na classe média alta, a brigas extremamente violentas, que não raro terminam em tragédia, e nitidamente à formação de quadrilhas. Num tempo perverso em que, por conta desse impressionante apelo ao consumo, mata-se por um par de tênis. Mas, ah, não dá nada.



Jornal Mensal do Sindicato dos Servidores Federais da Educação Básica e Profissional (SINASEFE) - Seção do Sindicato Pelotas

Rua XV de novembro, 224 - Pelotas / RS

Telefone: (53) 3027 61 00

E-mail: sinasefepel@gmail.com

Produção Textual: **Cooperativa Rede de Comunicação**

Produção Gráfica: **Taiane Volcan**

Impressão: **Visão Artes Gráficas**



Acompanhe o blog do Sinasefe:
<http://sinasefepel.blogspot.com>

Lutar é a nossa cultura

A luta da educação pública no Brasil é um tema central para o desenvolvimento do nosso país enquanto nação. As elites brasileiras e internacionais jogam muito alto no processo de privatização do Estado, onde a educação e a saúde de qualidade serão um privilégio de poucos. Para ganhar esta batalha, é necessário unificar todas as lutas em defesa do que é público.

É nesse contexto que o movimento sindical tem um papel central no debate e precisa desenvolver a luta pela educação pública e qualidade a partir de cada local de trabalho.

Unificar os trabalhadores do setor público federal é, sem dúvida, o principal objetivo da nova direção da Seção Sindical do Sinasefe Pelotas. Pensar em conjunto com os Servidores Públicos Federais as estratégias para enfrentar os governos e reagir aos ataques é uma das principais motivações da gestão.

Fórum de Lutas Sociais é criado em Pelotas

Como fruto do movimento 15-O, acontecido em outubro em Pelotas, movimentos sociais e diferentes organizações têm se unido para a construção do Fórum de Lutas Sociais da cidade. As principais reivindicações do movimento são promover a campanha “Por outros 200 anos para Pelotas” e pautar as lutas dos movimentos sociais.

O Fórum tem organizado encontros quinzenais para encaminhamentos, discussões e manifestações em Pelotas. Recentemente, o movimento organizou um protesto contra o

aumento do valor das passagens de ônibus (de R\$ 2,35 para R\$2,55), envolvendo a comunidade, coletivos e representantes sindicais e estudantis no calçadão de Pelotas.

A união tem em comum, a indignação contra as mazelas sociais causadas pelo sistema econômico dominante e o objetivo de somar nossas forças em todos os momentos possíveis, tanto para organizar novas lutas sociais, quanto para apoiar as já existentes.



A VIDA DO CATADOR E A INFLUÊNCIA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

Vanessa Jacondino Ney (Estagiária do projeto de pesquisa e extensão em Economia Solidária e Educação Ambiental)

O catador de resíduo reciclável urbano é uma das categorias que mais cresceu nos últimos anos. São homens, mulheres e crianças de baixa renda que andam diariamente nas ruas, comumente, puxando carrinhos repletos de lixo, guiando carroças, ou carregando sacolas com o que acharam de “útil” nas ruas da cidade. Os mesmos correspondem a uma parte da sociedade sem oportunidade digna de trabalho para exercer alguma atividade no mercado formal, e que encontram no lixo a alternativa para garantir seu sustento.

A fim de conhecer um pouco melhor a história de vida dos catadores, bem

como sua ligação com a Associação FRAGET, nós do Grupo de Economia Solidária estamos realizando entrevistas semi-estruturadas e utilizando diário de campo, com o intuito de conhecer a realidade da coleta informal de lixo, questões pessoais e necessidades de formação.

As entrevistas são realizadas na própria associação conforme a disponibilidade de cada catador. Essas permitem uma aproximação maior com os catadores e um conhecimento mais abrangente a respeito de suas questões pessoais, além de propiciar um diálogo no qual o entrevistado fala sobre suas experiências e dificuldades. Em meio a essas conversas, pude perceber que essas pessoas são bastante sofridas, humildes e que passam, diariamente, por vários obstáculos sociais. Com essas entrevistas passo a compreender, na prática, que por falta de oportunidades em outro modelo de emprego, inúmeras pessoas trabalham como catadores a fim de aumentar minimamente sua renda – que na maioria das vezes é somente a aposentadoria.

Além disso, eles também mencionam o preconceito das pessoas com relação ao trabalho que realizam. Para alguns, isso incomoda, enquanto para outros não é relevante: “o pior é não trabalhar, por que só não trabalha quem não quer”, diz um trabalhador entrevistado. A conscientização da sociedade é muito importante nesse sentido, sua visão negativa sobre o resíduo

é algo curioso, pois é ela mesma quem o produz, porém, quer distante dos seus olhos, o que reflete na relação com esses trabalhadores.

Ao dividirem o mesmo espaço com pessoas que atuam em empregos distintos, os catadores sofrem discriminações tanto moral como social, pois não são vistos como indivíduos trabalhadores e de família, e sim como “estranhos”, o que muitos não sabem é que eles estão nessa profissão, na maioria das vezes, por necessidade e não por opção. A igualdade, nesse sentido, é muito importante para que os mesmos possam realizar seu serviço sem qualquer tipo de constrangimento.

A Política Nacional de Resíduos Sólidos une proteção ambiental à inclusão social, que objetiva destinar os resíduos da coleta seletiva do município aos galpões de reciclagem. A partir dessa legislação, em Pelotas, o SANEP está incentivando com capital inicial a criação e organização de galpões, retirando os catadores das ruas e do aterro, e destinando o material para reciclagem.

Nosso trabalho de pesquisa e extensão é de suma importância para o desenvolvimento dessa política, pois iremos traçar o perfil desses catadores e fazer uma formação que contemple a educação ambiental, a economia solidária, pelo trabalho coletivo e a autogestão, e a gestão ambiental de resíduos sólidos para que, futuramente, insiram-se no trabalho organizado e digno.





O movimento de greve fortificou a categoria através de atos públicos, assembleias e manifestações

Incício: Na tarde do dia 23 de setembro, o Comando Local de Greve da Seção Sindical Pelotas e mais de vinte companheiros fizeram a entrega oficial do Abaixo-assinado em defesa da manutenção da Dedicção Exclusiva.

Assembleias: Dentre diversas assembleias, a seção Sindical Pelotas, no dia 23 de setembro, avaliou o movimento grevista e por 93 votos à 48 foi vencedora a proposta de manutenção do movimento, posição que foi defendida por Jussara Pereira e Stela Maris eleitas delegadas para a 104 Plenária que foi realizada em Brasília, no dia 24/09.

Audiência: Em setembro, ocorreu uma Audiência Pública na Câmara Municipal de Vereadores, resultado de um pedido do SINASEFE ao Vereador Ivan Duarte que fez a proposição à Câmara que aprovou a proposição. Com o Tema Greve na Educação Federal, participaram da mesa: Daiani Luche Dorow, Alexandre de Pauli Bandeira e Gilberto Demari Alves do Comando Local de Greve e Eunice Couto (Representante da CSP-Conlutas). Francisco Vitória e Ana Maria Roeber também participaram das falas na Audiência.

Manifestações: Através da indicação sobre uma radicalização do movimento de greve, a decisão do Sinasefe foi de organizar ocupações em prédios públicos da cidade, além das outras mobilizações que o movimento já tem feito no período de greve. Docentes e técnicos administrativos ocuparam o prédio da reitoria do IF-Sul. Os participantes organizaram um almoço na frente do prédio e permaneceram até o fim do dia. A mobilização contou com o apoio do DCE da UFPel.

Ato Público: Após uma Assembleia Geral no dia 8 de setembro, o movimento de greve se deslocou para as proximidades da Ponte de Rio Grande, onde aproximadamente 200 participantes estiveram reunidos para aproximar a comunidade das pautas da educação.

Entrevista com a Secretária Geral do SINASEFE

Tania Guerra falou ao Jornal O Megafone sobre o processo da greve, a negociação com o governo e as expectativas das categorias para o próximo ano:

Explique como foi o início do processo de greve:

Em agosto de 2010 o governo/MPOG iniciou a discutir a reestruturação da Carreira do Magistério do Ensino Superior - MS com ANDES e Proifes. O SINASEFE formalizou o pedido de fazer a discussão da Carreira do Magistério da Educação Básica Técnica e Tecnológica - EBTT nesta ocasião. O governo respondeu que a discussão da EBTT seria com a equipe de transição do governo, uma vez que teríamos eleições no final do ano.

Em abril de 2011 a Ministra Miriam Belchior recebeu dia 4 de abril todas as entidades do serviço público federal - eram 37 entidades e comunicou que cada uma teria uma audiência com o ministério para apresentar sua pauta específica e a seguir um cronograma de discussão desta pauta. Só voltariam a estar com a Ministra em caso do surgimento de um impasse nas mesas citadas.

O SINASEFE enviou sua pauta dia 17 de maio - presidência, MPOG e MEC. Dia 28 de junho foi recebido pelo MPOG que relatou que não conhecia a pauta pois seu método de trabalho era ler a pauta com a entidade. O MEC recebeu o SINASEFE i vez antes da greve 3 durante a greve. Dia 13 de julho em nova reunião, desta vez sem a presença dos secretário Duvanier Paiva, a diretora Marcela Tapajos apresentou alguns questionamentos. Dia 20 de julho na terceira reunião com o MPOG ouvimos do Secretário que a proposta salarial seria a mesma do ANDES/Proifes, que optaram por se apresentarem juntos na negociação, de 4% em março e 4% em março de 2012. Quanto ao segmento

de Técnico-administrativos em Educação - TAE, esste teria sua discussão em 2012 com proposta salarial para 2013.

Nossa categoria que vinha desde o ano de 2010 empenhada em discutir política salarial, carreira e outros itens - nossa pauta tem 9 itens, deliberou por entrar em greve a partir de 1º de agosto, chegando já nos primeiros 15 ou 20 dias a ter 228 instituições paradas.

Quais foram as maiores reivindicações da categoria no período de mobilização?

A reestruturação das duas carreiras - EBTT e PCCTAE, os critérios de progressão para os/as docentes - regulamentação do art. 120 da Lei 11784/08, as 30 horas para os/as TAE, a adequação da concessão do vale transporte, a equiparação do auxílio alimentação com os demais poderes, o reconhecimento automático dos diplomas de cursos dos países do MERCOSUL, de acordo com a Lei e necessidade de concursos para atender a demanda da expansão da rede.

Durante o período de mobilização, quais foram as negociações com o governo?

O MEC recebeu o sindicato por 3 vezes apresentando uma proposta e recebendo nossa contra proposta. Em outubro comunicou que era posição de governo não receber a entidade enquanto a mesma estivesse em greve.

O que se pode esperar daqui pela frente? Quais foram os resultados e quais as perspectivas?

Nossa Plena aprovou a assinatura do Acordo 04/11 já assinado com o ANDES/Proifes e solicitar uma oficina especial para a EBTT. Deliberou também por solicitar ao MEC e ao MPOG abertura de mesa com a FASUBRA para discutir o PCCTAE. Concordei com a segunda deliberação, mas considero equivocada a 1ª uma vez que exclui os/as TAE do aumento de 4% em março, o que fere nosso Estatuto. Considero também que nestas oficinas que precedem a mesa de negociação que acontecerá em março, o SINASEFE deve apresentar a sua proposta de carreira para a EBTT, já que nós é que representamos os trabalhadores e trabalhadoras desta carreira. Nas mesas de negociação precisamos estar junto com o ANDES que tem em sua base 26% de filiados/as da EBTT, para construir junto. Por exemplo, nossa proposta é de interstício de 18 meses e a do ANDES de

24 meses. Precisamos chegar a um acordo. Com a FASUBRA acontece o contrário, ela tem 70% dos TAE cuja carreira é o PU-CRCE.

Entendo que uma entidade que tem condições de mobilizar e fazer uma greve de 90 dias, não deve temer o processo de discussão do que é do interesse de sua categoria. Entendo que desta forma poderíamos chegar à mesa com as demais entidades com mais força.

Faça uma avaliação política da mobilização :

A mobilização foi muito importante, considerando duas questões: 1 - estávamos abatidos/as com auto estima fragilizada frente a força com que o governo vem demonstrando nos últimos anos no trato das políticas públicas desconsiderando a opinião dos servidores/as que são os agentes destas políticas e assumem a responsabilidade que têm na construção de uma sociedade igualitária numa nação justa e soberana.

2- o grande número de servidores/as novos/as amplia a democracia interna da entidade trazendo uma nova visão de mundo para dentro da entidade e desconstruindo um modelo que pode ser centralizador e autoritário se não houver renovação. Cabe lembrar que neste momento que o pessoal novo chega com grandes expectativas é importante o papel daqueles e daquelas que construíram a entidade para vencer etapas e , não cometer erros que já cometemos e superamos reforçando a unidade de uma entidade que não começa em cada greve: o SINASEFE se constrói há 23 anos.

Outro assunto que considero importante: Em 2001 aconteceu o 1º Fórum Social Mundial - FSM que iniciou a refletir sobre um outro mundo possível. Lá os movimentos sociais ligados à educação sentiram a necessidade de ter Fóruns Mundiais de Educação - FME agregados ao FSM, por ser a educação um dos instrumentos mais importantes na construção deste outro mundo possível. Realizamos FME em 2002, 2003, 2005 e a cada ano que tem FSM, temos junto o FME - sempre nos anos ímpares. Nos anos pares temos os FME - temáticos em todo o planeta. Em 2003 ousamos discutir nestes fóruns diretrizes para a construção de uma proposta de educação planetária emancipadora e inclusiva.



População preta e parda passa a ser maioria (50,7%)

Nos últimos dez anos, a estrutura da população mudou em termos de cor ou raça, com destaque para uma maior proporção das



peças que se declaram como pretas e pardas, de 44,7% da população em 2000 para 50,7% em 2010. Destaca-se uma maior concentração de pretos e pardos no Norte e no Nordeste e, no Sudeste e Sul, uma maioria de pessoas da cor branca, o que acompanha os padrões históricos de ocupação do país. A comparação das pirâmides etárias referentes aos anos de 2000 e 2010, segmentadas por cor ou raça, mostra que, para os três principais grupos, houve estreitamento da base da pirâmide, resultado da diminuição da fecundidade. Ao mesmo tempo, duas diferenças despontam já em 2000. Pretos e pardos mostram maior proporção de pessoas abaixo de 40 anos; já os brancos têm maior proporção de idosos – maiores de 65 anos e, principalmente, maiores de 80 anos de idade – o que provavelmente está ligado às diferenças de condições de vida e acesso a cuidados de saúde, bem como à partici-

pação desigual na distribuição de rendimentos. Os rendimentos médios mensais dos brancos (R\$ 1.538) e amarelos (R\$ 1.574) se aproximam do dobro do valor relativo aos grupos de pretos (R\$ 834), pardos (R\$ 845) ou indígenas (R\$ 735).

Na razão entre os rendimentos de brancos/pretos e brancos/pardos, os maiores diferenciais estavam nos municípios com mais de 500mil habitantes. Entre as capitais, destacam-se: Salvador, com brancos ganhando 3,2 vezes mais do que pretos, Recife (3,0) e Belo Horizonte (2,9). Entre brancos e pardos, São Paulo (2,7) aparece no topo da lista, seguida por Porto Alegre (2,3). Em terceiro lugar estão empatadas Salvador, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, onde brancos têm um rendimento 2,3 vezes maior do que pardos.

Indicadores Sociais Municipais: Uma análise dos resultados do universo do Censo Demográfico (IBGE)

Ligue 180 registra mais de 58 mil relatos de violência contra a mulher até outubro deste ano

A Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180 registrou 530.542 ligações até outubro deste ano. Ao todo, foram contabilizados 58.512 relatos de violência – 35.891 de violência física; 14.015 de violência psicológica; 6.369 de violência moral; 959 de violência patrimonial; 1.014 de violência sexual; 264 de cárcere privado; e 31 de tráfico de mulheres. Um dos dados que mais chama a atenção, de acordo com a Secretaria de Políticas para as Mulheres, é o que mostra que a violência moral e a violência psicológica, juntas, representam 34,9% do total de ligações. O balanço revela ainda que a maior parte das mulheres que entrou em contato com o Ligue 180 e que é vítima de violência tem entre 20 e 40 anos, ensino fundamental completo ou incompleto e convive com o agressor há pelo menos dez anos. Ao todo, 82% das denúncias são feitas pela própria vítima. Ainda segundo o levantamento, 44% das mulheres que entraram em contato com o serviço declararam não depender financeiramente do agressor e 74% dos crimes são

cometidos por homens com quem as vítimas têm vínculos afetivos/sexuais (companheiro, cônjuge ou namorado).

Em números absolutos, o estado de São Paulo lidera o ranking nacional com 77.189 atendimentos, seguido pela Bahia (53.850) e pelo Rio de Janeiro (44.345).

Quando considerada a quantidade de atendimentos relativa à população feminina por estado, o Distrito Federal aparece em primeiro lugar, com 792,6 atendimentos para cada 100 mil mulheres, seguido pelo Pará (767,3) e pela Bahia (754,4).

Entre abril de 2006 e outubro deste ano, o Ligue 180 registrou 2.188.836 atendimentos. Desde janeiro de 2007, quando o sistema foi adaptado para receber demandas sobre a Lei Maria da Penha, a busca por esse tipo de serviço totalizou 438.587 ligações.

De acordo com a Secretaria de Políticas para as Mulheres, a Central de Atendimento à Mulher é um serviço de utilidade pública de emergência, gratuito e confidencial, que funciona 24 horas todos os dias da semana – inclusive finais de semana e feriados.



Analfabetismo ainda atinge 28% da população com mais de 15 anos em pequenas cidades do Nordeste

Embora a taxa de analfabetismo na população com 15 anos ou mais de idade tenha caído de 13,63% em 2000 para 9,6% em 2010 na média do país, nas menores cidades do Nordeste, com até 50 mil habitantes, ela ainda atinge 28% das pessoas nessa faixa etária. Além disso, nesses municípios a proporção de idosos que não sabiam ler e escrever chegava a 60%. Segundo dados dos Indicadores Sociais Municipais do Censo Demográfico 2010, divulgado no dia 16 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no caso do analfabetismo de jovens, a situação da Região Nordeste também é preocupante. Enquanto na média do país a proporção de adolescentes e jovens que não sabiam ler e escrever atingia 2,5%, no Nordeste era quase o dobro (4,9%), com pouco mais de 500 mil pessoas nessa faixa etária. Na Região Sul o percentual era de 1,1% e na Sudeste, de 1,5%.

Entre jovens e adultos, o levantamento revela que em 1.304 municípios a taxa de analfabetismo era igual ou superior a 25%. Entre eles, 32 não contavam com o programa Educação de Jovens e Adultos (EJA). A maioria está localizada no Nordeste, tendo sido a pior situação observada em João Dias (RN), onde 38,9% das pessoas com 15 anos ou mais não sabem ler e escrever. Em seguida, aparecem Monte Santo (BA), com 35,6%, e São Brás (AL), com 34,7%. No Norte, três municípios aparecem na lista, todos em Tocantins: Ponte Alta do Bom Jesus (25,2%), Mateiros (26,4%) e Centenário (28,6%). O Sudeste concentrava quatro deles, localizados em Minas Gerais. São eles: Miravânia (26,0%), Frei Gaspar (28,5%), Bertópolis (29,6%) e Santa Helena de Minas (31,7%). O levantamento também evidenciou as diferenças em termos de alfabetização nos resultados segundo cor ou raça. Enquanto en-

tre os brancos, o percentual de analfabetos para pessoas com 15 anos ou mais era de 5,9%, entre os pretos atingiu 14,4% e entre os pardos, 13%.



Eleições: Chapa Formação e Luta assume o comando do Sinasefe

Nossa chapa defende um Sindicato que acredita no sindicalismo político, que tenha clareza do seu papel, que exerça resistência e luta com firmeza e união, criando condições sólidas para confrontar todas as forças contrárias a uma sociedade justa, plural e democrática.

Ações Gerais:

- > Garantir a discussão permanente de caráter político e pedagógico da educação;
- > Desenvolver ações que permitam avanços na área de formação sindical;
- > Reforçar a unidade com outros sindicatos do setor educacional local, regional e nacional;
- > Discutir o papel do Estado e da Educação Pública do país que buscamos construir;
- > Estar atento à luta dos trabalhadores(as) do continente americano, em especial aos que defendem uma educação pública de qualidade;
- > Fortalecer os movimentos sociais que

combatem a violência contra as mulheres, o trabalho infantil, e contribuir para a construção de uma inclusão social que não vise, meramente, aspectos eleitorais;

> Manter uma dinâmica de trabalho que propicie a interatividade do Sindicato com as demais Seções Sindicais e com os movimentos sociais, para que toda a categoria tenha a oportunidade de participar das discussões vinculadas a um Sindicato de Luta.

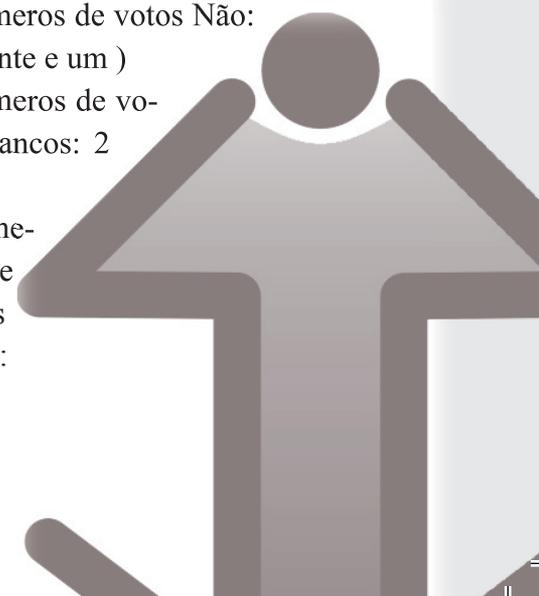
Nominata do Colegiado:

Rogério Coelho Guimarães
Francisco Carlos Gonçalves Brongar
Francisco de Assis Ferreira
Adão Antonio de Souza Jr.
Luciano Ludwig Loder
Adilson Braga Borges
Cláudio Edmar Lopes
Marco Antonio Luz da Silva
Rogério Falcão
Lúcia Brigido Gouveia

Marco Antonio Maciel Vaz
Paulo Renato Baptista
Tânia Guerra
Marinês Aldeia

Resultado do Pleito:

- > Números total de votantes: 226 (duzentos e vinte e seis)
- > Números de votos Chapa Formação e Luta (sim): 203 (duzentos e três)
- > Números de votos Não: 21 (vinte e um)
- > Números de votos brancos: 2 (dois)
- > Números de votos nulos: zero



Feira do Livro Independente e Autônoma valoriza escritores independentes

Unir literatos, artistas, músicos, artesãos e todos aqueles que buscam outras alternativas de produções independentes e, muitas vezes, distantes do sistema tradicional. Partindo desta proposta, a FLIA, acontecida no feriado de 15 de novembro - paralelamente à Feira tradicional do Livro, buscou somar a grande produção cultural que Pelotas tem em sua diversidade.

Com oferecimento de oficinas literárias, métodos de confecções de livros artesanais, rodas de conversas com os escritores presentes, exposição para venda, troca, doação ou empréstimo de livros, o feriado de sol e vento no Quadrado, na zona do Porto de Pelotas, recebeu também apresentações musicais, teatrais e projeções.

Como a FLIA chegou em Pelotas?

Com o envolvimento da RádioCom 104,5 FM, um grupo de coletivos sociais e artísticos da cidade organizaram a primeira edição da FLIA influenciados pela proposta que surgiu na cidade de Buenos Aires, que agora já está na sua 17ª edição, e geralmente ocorre paralela a Feira do Livro de Buenos Aires (a Feira oficial, poderíamos dizer assim, financiada pelo Estado Argentino). A FLIA vem crescendo e se estendendo por muitos países na América Latina, e feito redes entre pequenas editoras, facilitando o mundo das publicações literárias.

